

Mamíferos do nordeste do Pará, Brasil

por

Cory T. de Carvalho* e Armando J. Toccheton*

(Recebido para a sua publicação no 28 janeiro, 1967)

Dando execução ao programa de pesquisas com virus, o Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, instalou em 1955 um posto de coleta de mamíferos no Utinga, subúrbio de Belém, Estado do Pará. Mais tarde, também interessados na mesma linha de pesquisas, o Instituto Evandro Chagas (Fundação do Serviço Especial de Saúde Pública) e a Fundação Rockefeller colaboraram com aquele Instituto e promoveram a mudança do posto de coleta para outros locais nos arredores, inclusive nos Km 87 e 107 da rodovia Belém-Brasília (BR-14), em plena mata amazônica (zona agora protegida pelos governos do Estado e Federal).

Os mamíferos coletados pelas instituições acima, foram distribuídos inicialmente entre o Instituto Oswaldo Cruz (IOCR), o Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNR) e o American Museum of Natural History (AMNH) e depois, para o Instituto Evandro Chagas (IEC-SESP), tendo este último nos encarregado de identificar todo o material que recebeu (48 peles, 275 peles e crânios e 1949 crânios sem as respectivas peles). Além desse material, estudamos também os mamíferos que um de nos (C. T. Carvalho) coletou em duas oportunidades: nos arredores de Belém (Utinga, Instituto Agrônomo do Norte e Aurá) à serviço do Museu Paraense Emilio Goeldi (MGPA) e nos Km 87 a 114 (rotulados Km 94) da mesma rodovia, ainda em construção, quando integrando a expedição conjunta à região amazônica do Departamento de Zoologia (DZSP) e do Instituto de Botânica da Secretaria da Agricultura de São Paulo de 15 de agosto a 17 de setembro de 1959, patrocinada pelo Conselho Nacional de Pesquisas. Também foram comparados a aqueles apanhados pelo colega F. de Avila Pires do Museu Nacional, de 2 a 17 de março de 1958, nas localidades Utinga, Aurá, e Instituto Agrônomo do Norte, todos nas vizinhanças de Belém do Pará.

A floração e a frutificação de alguns vegetais na área, facilitou bastante nosso trabalho de coleta de aves e mamíferos, principalmente pacas, cutias, veados

* Departamento de Zoologia, Secretaria de Agricultura, São Paulo, Brasil.

e saguis, bem como serelepes. Foram identificados entre elas, a cupiúba (*Goupia paraensis*), com frutos; o pau amarelo (*Euxylophora paraensis*), lançando sementes; o piquiá da mata (*Caryocar villosum?*), em plena floração; o visgueiro (*Parkia pendula*), com flôres pendentes em longos cordões e agrupadas em bola, na parte distal; inúmeras "massarandubas" (*Manilkara* sp.), algumas até abatidas durante o desmate nos lados da rodovia.

Cabe ainda, face a tanto material para identificar, comparar as diferentes coleções feitas e em datas quase coincidentes e nas mesmas regiões (Utinga e rodovia BR-14).

A divisão de Virus do Instituto Oswaldo Cruz contava com um grupo ou equipe de campo real, sob a direção do dr. Hugo Laemmert e chefiada pelos srs. Arlindo e Joel Pinto de Souza, tendo como objetivo único a coleta maciça de mamíferos para pesquisa de virus (material e pessoal treinado com objetivo fixo), contando ainda com seis anos na região.

A secção de mamíferos do Museu Goeldi, ressentiu-se na época de toda a falta de recursos para coleta intensiva, daí o pequeno número de capturas.

Também o colega do Museu Nacional, isolado, contou apenas com ajuda das instituições locais na região, visto o interêse fundamental da pesquisa se limitar a endoparasitos em geral.

Uma análise do resultado dos quatro grupos de coleta, pode ser vista na lista que se segue, pelas indicações e número de espécimes coletados nas abreviações das coleções, bem como a distribuição de formas e famílias.

LOCALIDADES CITADAS

Aurá, rio e localidade (Sant'Ana do Aurá) — zona militar vizinha à reserva do Utinga e do Instituto Agronômico do Norte, na faixa oriental do lago Agua Preta.

Bosque, uma reserva da mata primitiva em perímetro urbano, subordinada à prefeitura local (Belém), em frente à entrada do Instituto Agronômico e pouco antes do Utinga.

Castanhal, cidade e município situada no entroncamento da estrada de ferro Bragança, rodovia BR-22 (Belém-São Luiz) e o tronco da rodovia estadual PA-13.

Iritúia, povoação junto ao Km 14 (além do rio Gamá, para o sul) na rodovia BR-14, próximo ao campo de pouso da estrada.

Murutucú, rio cujas cabeceiras se localizam no Utinga (igarapé e mata) e que corta a região onde se situa o Instituto Agronômico do Norte.

Sapucajuba, igarapé e resto de mata ao lado do Agronômico, junto à margem do rio Guamá e no limite oriental da cidade de Belém.

São Miguel do Guamá (ou *Guamá*), pequena cidade junto ao rio Guamá, ao lado das primeiras quedas do rio; dista de Belém 108 Km. Após a ponte, início da rodovia federal BR-14.

Utinga, reserva de matas do Departamento Estadual de Aguas de Belém, situada entre a rodovia e Estrada de Ferro Bragança e abrangendo as reservas do Aurá e do Agronômico, com as quais faz divisa. Sua área atinge a margem direita do rio Guamá e a faixa suburbana da cidade.

LISTA DAS ESPÉCIES

MARSUPIALIA: Fam. DIDELPHIDAE

Cduromys p. philander (L., 1758). "Mucura sedosa". — Belém (Utinga): 1 ♀ (MGPA), 1 ♀ (MNRJ), 1 ♂ & 1 ♀ (IOCR).

Todos os didelfídeos apresentam uma certa uniformidade nos dentes e crânios. Há no entanto variações específicas em tamanho e outros pequenos detalhes devido ao crescimento contínuo. Aqui são considerados como adultos apenas exemplares de M⁴ funcional e ausência do pm⁴ de aspecto maliforme.

Externamente esta forma difere de *C. lanata* pela textura do pelame e comprimento da região encabelada da cauda. Em *philander* o pelame é sedoso e canelino, sendo a cauda recoberta em apenas um pequeno trecho basal. A densidade da espécie na região deve ser tomada como limitada.

Philander o. opossum (L., 1758). "Mucura xixica". — Belém (Utinga e Sapucajuba): 1 ♂, 2 ♀ (MGPA), 2 ♂, 2 ♀/5 (MNRJ); Belém-Brasília, Km 94: 3 ♂, 5 ♀ (IOCR).

Esta forma é comum na área e muito próxima em aspecto a que se segue, exceto nos tons de colorido e base da cauda. É nua em *nudicaudatus*.

Metachirus n. nudicaudatus (Geof., 1803). "Mucura cauda de rato". — Guamá: 1 ♂, 1 ♀ (DZSP); Belém-Brasília, Km 87 a 94: 3 ♂ 9 ♀ (IOCR).

Escassa à limitada nas diversas regiões e de aspecto mais gracioso que a anterior; flancos e dorso posterior com tons fluvescentes.

Chironectes m. minimus (Zimm., 1780). "Xixica d'água" — Belém (Utinga e ilha das Onças): 1 ♀ (DZSP), 1 ♂ (MNRJ).

Sua cor bruno acinzentado e grossas malhas negras quase losangulares reunidas no dorso, caracterizam-na de imediato. A densidade da espécie parece limitada, motivo pelo qual é pouco frequente em coleções.

Didelphis m. marsupialis L., 1780: "Mucura". — Belém (Utinga): 1 ♀ (MGPA); Belém-Brasília, Km 94 a 97: 1 ♂, 1 ♀ (DZSP), Km 87 a 94: 1 ♀ (IOCR) e 174 crânios.

É comum, embora em certos lugares *P. opossum* lhes faça séria concorrência. Na amazônia só ocorre a forma maior e mais delgada, com riscas faciais pouco nítidas e orelhas negras. Em trabalho anterior (CARVALHO, 6) falamos a respeito do nome e forma de Linnaeus, embora reconheça a necessidade de fixação da forma por conveniência, visto estar difundindo amplamente a troca da identificação real.

Monodelphis a. americana (Miller, 1766). "Mucurinha riscada". — Belém (Utinga): 1 ♀ (MGDF), 2 ♂ (IOCR); Belém-Brasília Km 96: 1 ♂ (IOCR).

Grácil e de fácil reconhecimento pelas três riscas longitudinais enegrecidas num fundo marrom, cuja tonalidade varia para mais ou menos carregado. Sua incidência é limitada, ou talvez, a isca normalmente usada seja inadequada.

Marmosa m. murina (L., 1780). "Mucurinha". — Belém (Utinga): 2 ♂ (MGPA), 1 ♂, 1 ♀ (MNRJ); Belém Brasília, Km 94: 1 ♂, 2 ♀ (IOCR) e 24 crânios.

Marmosa cinerea ssp. "Mucurinha felpuda". — Belém (Utinga): 1 ♀ (IOCR); Belém-Brasília, Km 87 e 94: 6 ♂, 5 ♀ (IOCR) e 8 crânios.

Diferem os grupos *cinerea* e *murina*, *a priori*, por textura e pelame mais longo, base da cauda encabelada e formato losangular dos processos pós-orbitais em festões (beiradas supra-orbitais reviradas), na forma *cinerea*; em regra, é maior e possui dentição mais robusta. O outro grupo, *murina*, tem pêlos curtos, densos e crânio apresenta processos supra-orbitais com rebordos quase paralelos e sem formar calhas nítidas.

CHIROPTERA: Fam. EMBALLONURIDAE

Rhinconycteris naso (Wied, 1820). "Morcêgo". — Belém-Brasília, Km 117: 1 ♀ (DZSP).

É frequente nas margens de rios florestados e se caracteriza, a grosso modo, pelo aspecto e pelame grisalho, com focinho pontudo. Vive agrupado em troncos expostos e alimenta-se de insetos.

Saccopteryx bilineata (Tem., 1838). — Belém-Brasília, Km 93: 1 ♂ (DZSP).

Também frequente e facilmente reconhecível pelas duas riscas esbranquiçadas no dorso posterior. Abriga-se em ôcos de árvores, termiteiros e come insetos.

Fam. PHYLLOSTOMIDAE

Phyllostoma b. hastatus (Pall., 1767. — Guamá: 11 (alc.) — (DZSP): Belém-Brasília, Km 96: 1 ♂ (DZSP).

É o maior dos morcêgos comuns, sendo ultrapassado apenas pelo *Vampyrum*. Seu antebraço mede acima de 75 mm e a cauda é curta, apontando apenas a superfície do uropatágio.

Glossophaga s. soricina (Pall., 1766) — Belém (Bosque): 3 ♂, 2 ♀ (MGPA), 1 ♂ (MNRJ); Belém-Brasília, Km 94: 2 ♂, 1 ♀ 1/ ôco de árvore; (DZSP).

Espécie das mais comuns na região, sempre em lugares semiobscurecidos e na maioria das vezes, reunido em grupos ao *Carollia*, nos mesmos abrigos diurnos. Possui também pequena cauda atravessando a membrana interfemural.

Carollia p. perspicillata (L., 1758). — Belém (Bosque e Autá) 2 ♂, 3 ♀ (MGPA), 5 ♂ ? (MNRJ); Belém (?) 7 exemplares só crânios, (IOCR).

Pelame sempre com tonalidade e matiz prateado devido ao fato de possuir pelos tricolores.

Fam. DESMODONTIDAE

Desmodus rotundus (Geof., 1810) — Belém-Brasília, Km 94: nenhum apanhado, mas sangravam o pessoal da expedição (DZSP) e do acampamento da Cia. Constructora Gualo, Pela agilidade demonstrada e frequência, deveriam pertencer à esta forma.

Na área Amazônica, abriga-se em "ôcos de árvores", mas como sempre acontece ninguém pode precisar exatamente onde. Sangram animais, aves e até o homem.

Fam. MOLOSSIDAE

Molossus a. ater (Geof., 1805). — Belém-Brasília, Km 95: 2 ♀ (DZSP).

Na cidade são comuns *ater* e *molossus*, sendo a diferença entre eles mais aparente, o tamanho; abrigam-se em lugares obscurecidos e apertados, procurando sempre frestas. São citados em CABRERA (3) como *rufus* e *major* respectivamente.

PRIMATES: Fam. CEBIDAE

Aotus trivirgatus infulatus (Olf., 1818). "Macaco da Noite". — Belém-Brasília, Km 92: 1 ♀ (IOCR); vimos diversas vezes nas esperas, mas não os conseguimos abater (DZSP).

Com a face riscada de negro e as manchas oculares esbranquiçadas, além dos olhos grandes e marrons, são identificados à noite pelo som grosseiro de sua voz. Frequentes na região.

As razões para o uso do nome acima foram citadas em trabalho anterior (CARVALHO, (4). CABRERA (3: 135) include *roberti*, *trivirgatus* e *vociferans* no Brasil, e considera *infulatus* como sinonimo da raça típica.

Pithecia s. satanas (Hoff., 1807), "Cuxiú preto". — Belém-Brasília, Km 94: 3 ♂, 4 ♀ (DZSP), desiderata.

CABRERA (3), conserva ainda separado *Chiropotes* (a forma acima) de *Pithecia*.

Alouatta b. belzebub (L., 1766). "Guariba mão ruiva". — Belém-Brasília, Km 94: 2 ♂, 4 ♀ (DZSP).

Ouvimos o grupo cantar diversas vezes à noite, mas não os descobrimos com lanternas. Embora frequentes não se deixam pegar com facilidade.

Cebus a. apella (L., 1758). "Macaco prego". — Belém-Brasília, Km 48 (Iritúia): ♂ (IOCR); Km 94: 1 ♀ (DZSP).

Saimiri s. sciureus (L., 1758). "Mico guaxinim". — Belém (Utinga): 1 ♀ (IOCR); Belém-Brasília, Km 94: 1 ♂, 1 ♀ (DZSP).

Fam. CALLITHRICIDAE

Saguinus l. tamarin (Link, 1794): "Soim pretinho". — Belém (Utinga):

1 ♀ (MGPA), 1 ♂ (MNRJ); Belém-Brasília, Km 94: 7 ♂, 5 ♀ (DZSP), uma com 2 fetos em 29 agosto, 27 crânios (IOCR).

CABRERA (3), com base na situação geográfica das formas *tamarim* e *umbratus*, os sinonimiza, o que não concordamos (CARVALHO, 4). HERSHKOVITZ (8), substitue o nome genérico dos *Leontocebus* da Amazônia, para o nome acima utilizado.

EDENTATA: Fam. MYRMECOPHAGIDAE

Tamandua tetradactyla (L., 1758). "Tamanduá colete". — Belém-Brasília, Km 35: 1 ♂ (DZSP), Km ? : 2 crânios (IOCR).

Este exemplar, como um outro colecionado no rio Mucajá, apresenta pterigóides entumescidos; um possui o típico colete no pelame de *tetradactyla* e o outro, é a forma dita pálida (*longicaudata* Wagn.). Não cremos fundamentada e razoável a separação das formas, pelas carateres usuais.

Cyclopes d. didactylus (L., 1758). "Tamanduá-i". — Belém (Marambaia): 1 ♀ (MGPA).

Vive na mata de igapó, sendo razoavelmente freqüente.

Fam. BRADYPODIDAE

Bradypus tridactylus ssp. "Preguiça de bentinho". — Belém (?): 1 ♂ e 109: crânios (IOCR).

Para Cabrera *B. tridactylus* (de Surinam) e *B. infuscatus* são duas boas espécies, sendo que a ultima possui uma subespécie no Baixo Amazonas, *B. i. marmoratus* Gray.

Fam. DASYPODIDAE

Dasybus novemcinctus (L., 1758). "Tatú verdadeiro". — Belém-Brasília, Km 93: 1 ♀ (DZSP).

De acôrdo com o que se lê em TATE (15), a forma acima difere de *kappleri* Krauss, nos pterigóides e palato; possuímos apenas a carapaça que nos foi doada.

CARNIVORA: Fam. CANIDAE

Speothos venaticus (Lund, 1842). "Cachorro vinagre". — Belém-Brasília, Km 96. 1 exemplar (DZSP).

Exemplar visto e não abatido, caçando na borda da mata, junto aos troncos caídos, às 14:50 hs de 7 de setembro.

Fam. PROCYONIDAE

Nasua nasua (L., 1758). "Cuati". — Belém-Brasília, Km 97: 1 ♀ (IOCR).

Potos f. flavus (Schr., 1774). "Japurá". — Castanhal (Macapá): 1 ♀ (IOCR); Belém-Brasília, Km 94: 1 ♀ (DZSP).

Não concordamos com a opinião de CABRERA (3). A pr. 42 de SCHREBER (14), realmente representa o *Lemur simiasciurus* Petiv., mas não corresponde a qualquer animal Sul Americano ou mesmo neotrópico. Já a prancha seguinte, ou seja, pr. 42A com a nome *Lemur lanatus* de Schr. (posto que não menciona qualquer autor anterior), exceção feita, a grosso modo, ao pelame e às unhas do polegar e halux que são muito planas, lembra razoavelmente o nosso Japurá. A descrição no texto (p. 145, tab. 42) sem nome latino, mas dito idêntica ao "Yellow Maucauco" de PENNANT (11) pr. 16 fig. 2, e o nome apósto no índice geral (p. 186: "47-Tab. XLII. — *Lemur flavus* Penn. Syn. tab. 16 fig 2") entre os animais *Lemur catta* e *Lemur volans* L., como no texto, respectivamente nas páginas 143 e 146, prs. XLI e XLIII, atestam a intenção do autor.

Do comentado, cremos pois, também mal dirigido a sinomínia de *L. lanatus* Schr. ao *Lemur laniger* Gm., 1788 (44) de Madagascar.

RODENTIA: Fam. SCIURIDAE

Guerlinguetus gilvicularis paraensis (Goeldi & Hagmann, 1904). "Cuatipurú". — Belém (Utinga, Aurá e Murutucú): 5 ♂, 3 ♀ (MGPA); Belém-Brasília, Km 94: 6 ♂, 9 ♀ (DZSP), 1 ♂ ? (IOCR).

Para o gênero usamos o conceito de MOORE (10), e como espécie conservamos *gilvicularis* visto PIRES (12) afirmar que os exemplares de *aestuanus* portam tufus pós-auriculares amarelados, o que não observamos em nenhum dos exemplares examinados da Amazônia, exceto em *ignitus* do Acre e nos *Sciurillus*.

Fam. CRICETIDAE

Oryzomys microtis (Allen, 1916). "Rato". — Belém (Utinga): 1 ♂ (IOCR); Belém-Brasília, K 94: 2 ♂, 2 ♀ (IOCR) e 6 crânios.

Pouco frequente, mas o pequeno tamanho e a cor bruno-amarelada com ventre mais claro, identifica a forma. Ao contrário do que afirma ALLEN (1), a cauda nos exemplares trabalhados, tem se mostrado sempre maior que o comprimento cabeça-corpo. No crânio há pequena variação, quando comparadas as medidas dos exemplares examinados com as do tipo, havendo coincidência apenas na série molar superior.

Oryzomys capito goeldi (Thos., 1897). "Rato". — Belém (Utinga): 1 ♂ (MNRJ), 6 ♂, 4 ♀ (IOCR); Belém-Brasília, Km 94: 33 ♂, 21 ♀ (IOCR) e 535 crânios.

E a forma mais comum em coleções. O dorso é tracejado de marrom, mais ou menos enegrecido, perdendo a intensidade nos flancos; o ventre é branco-acinzentado. Já os crânios têm no perfil convexo, a curva maior junto à articulação naso-frontal; os bordos supra orbitais são levemente levantados em crista e terminam nos ângulos externos dos inter-parietais.

Tanto, as medidas externas como as cranianas são sempre maiores que as do exemplar tipo (de Itaituba), mas bem chegadas às do norte do Baixo Amazona: *modestus* ou *velutinus* in CABRERA (3), CARVALHO (5).

Oryzomys macconnelli (Thos., 1910). "Rato felpudo". — Belém (Utinga): 2 ♂ (DZSP); Belém-Brasília, Km 87 e 94: 27 ♂, 15 ♀ (IOCR) e 357 crânios.

Também comum, e o que chama mais atenção é o pelame longo (aproximadamente 15 mm), denso e macio, de cor bruno flavescente; os flancos são ocre pálido e o ventre acinzentado devido à base plúmbea. O crânio é longo e estreito, com região interorbital de bordos revirados; a fossa mesoptergóides não atinge a linha dos terceiros molares, o mesmo acontecendo com o forame incisivo que não alcança o plano dos primeiros molares.

Oecomys bicolor paricola (Thos., 1904). "Rato". — Belém-Brasília, Km 87 a 94: 15 ♂, 12 ♀ (IOCR) e 65 crânios.

Os exemplares adultos têm cor marrom-amarelada no dorso e os jovens tonalidades mais escuras; o ventre varia do branco-amarelado ao acinzentado, nunca branco puro. O crânio possui nasais bem curtos e as placas zigomáticas se projetam muito pouco para a frente, tornando-se quase invisíveis quando o crânio é visto de cima; a constrição interorbital é larga, com bordos cristados e divergentes para trás. As medidas são pouco maiores que as dos tipos (*bicolor* e *paricola*), principalmente a cauda; a série molar se mostra muito uniforme.

Preferimos usar *Oecomys* como gênero (sub-gênero para Cabrera e Hershkovitz) e o nome *paricola* para as populações do leste da Amazônia, até melhor elucidação das formas que ocorrem na região.

Oecomys concolor tapajinus (Thos., 1909). "Rato". — Belém-Brasília, Km 94: 1 ♂, 3 ♀ (IOCR) e 1 crânio.

Difere da forma anterior apenas em tamanho, sendo em verdade difíceis de os reconhecer criticamente quando na mesma comunidade e região.

Rhipidomys emiliae (Allen, 1916). "Rato de árvore". Belém-Brasília, Km 94: 1 ♂, 2 ♀ (IOCR) e 2 crânios.

Limitada ou mesma escassa na área. Sua cor é bruno-amarelado e o ventre branco puro; as mãos e os pés possuem o dorso marrom-enebecido; cauda longa no ápice um tufo de pêlos enegrecido; cauda longa tendo no ápice um tufo de pêlos enegrecidos, o que caracteriza o gênero.

O crânio é grande e a região inter-orbital larga, chata e pouco cristada. As placas zigomáticas são bem pouco visíveis quando o crânio é visto de cima; a fossa mesoptergóides e a forame incisivo são largos, ultrapassando e alcançando respectivamente a série molar.

Nectomys squamipes amazonicus (Hershk., 1944). "Rato d'água". — Belém (Utinga e Agrônômico): 5 ♂, 3 ♀ (MGPA), 1 ♀ (DZSP), 1 ♂ (MNRJ); 18 ♂, 1 ♀ (IOCR) e 106 crânios.

A coloração é bastante variada, mas o bruno-acastanhado predomina; sempre com os flancos mais ocráceos. As medidas cranianas mostram pequenas variações, sendo a série molar dos machos pouco maior (ver tabela) e, nas fêmeas a média foi de 6,6 (corça).

Holochilus brasiliensis nanus (Thos., 1897). "Rato d'água" — Belém (Utinga): 1 ♀ (MGPA), 1 ♂ (MNRJ), 1 ♀ (IOCR).

Essa forma deve ser considerada escassa, ou talvez o sistema de captura falho. A cor é fulvo-amarelado; o crânio possui de mais aparente, a constrição inter-orbital estreita e com bordos aproximadamente paralelos (em *Nectomys* os bordos são divergentes). A placa zigomática é bastante projetada para frente, sendo acentuadamente côncava no bordo exterior; a porção superior apresenta um processo espinhoso dirigido para frente.

Zygodontomys lasiurus fuscinus (Thos., 1897). "Rato de Campo". — Belém (Utinga): 1 ♂ (MGPA), 1 ♀ (MNRJ).

A espécie é um tanto escassa.

Fam. MURIDAE

Rattus rattus alexandrinus (Geof., 1803). "Rato preto (de barriga cinza)". Belém-Brasília, Km 94: 1 ♂ (IOCR), 1 ♂ (MNRJ) - de Utinga.

Rattus rattus frugivorus (Rafin., 1814). "Rato preto (de barriga branca)". Belém (cidade): 1 ♂, 1 ♀ (MGPA).

Fam. ECHIMYIDAE

Proechimys guyannensis oris (Thos., 1904). "Rato soia". — Belém (Utinga e Murutucú): 3 ♂, 4 ♀ (MGPA), 3 ♂, 2 ♀ (MNRJ), 1 ♂, 2 ♀ (IOCR); Belém-Brasília, Km 85 a 107: 18 ♂, 12 ♀ (IOCR), e 318 crânios.

E talvez pouco mais laranja-ocre em côr que a forma do norte do Baixo Amazonas, e tem aristiformes médios bem mais estreitos ($18 \times 0,5$ mm); os setiformes são similares aos da forma típica.

Os dentes jugais superiores possuem todos as três lâminas convencionais, mas o pm^4 (inferior) pode contar com 3, ou 4 mais raramente; os outros molariformes inferiores (m^{1-2}) também variam de 2 a 3 contrassulcos ou mantêm lâminas coalascentes em cerca de 35 %. O m^3 normalmente conserva 2 apenas.

Echimyus chrysurus paleacea (Kuhl, 1820). "Soia bandeira". — Belém (Utinga): 1 ♂ (IOCR).

Este rato de espinho possui todo o corpo recoberto de aristiformes bruno-palha, com marcante contraste em forma de faixa branca do focinho ao alto da cabeça; a cauda apresenta metade basal negra e apical branca. Parece ser escassa sua presença ou de hábitos especiais.

Fam. DASYPROCTIDAE

Dasyprocta a. aguti (L., 1766). "Cutia". — Belém-Brasília, Km 94: 2 ♂, 2 ♀ (DZSP), uma com 2 fetos em setembro, K 107: 1 ♀ (IOCR).

Concordamos com a opinião emitida por CABRERA (3), tendo em vista a impossibilidade de separar as formas do Baixo Amazonas e do nordeste do Brasil por diferenças reais, visto que a coloração varia nos diferentes indivíduos em uma mesma localidade. Em geral a primna é negro-fuliginoso com os lados da coxa ruivo flamejante, o que engloba *aguti* e *prymnolopha* Wagn., 1831.

Fam. AGOUTIDAE

Agouti p. paca (L., 1766). "Paca". — Belém-Brasília, Km 94: 6 ♂, 4 ♀ (DZSP, 3 com fetos em agosto).

Fam. ERETHIZONTIDAE

Coendou platycentrotus (Brandt, 1835). "Cuandú". — Belém (Utinga e Murutucú): 2 ♂ (IOCR).

Há um exemplar que apresenta um manto enegrecido no dorso, dividido à parte distal dos espinhos enquanto que o outro, jovem ainda, mantém o pelame avermelhado (setiformes). Estes exemplares e outros, existentes na coleção do DZSP, procedentes de Cametá, confirmam a existência de outra forma que não *prehensilis* na região. Diferem de *prehensilis* em ser não só mais escuros (caráter variável), mas no menor tamanho, na série molar, ausência do estreitamento do osso jugal e frontal quase plano. Os aristiformes são de uns 40 mm e variáveis em cor, portando larga faixa mediana enegrecida e ápice escuro, branco ou ocre-avermelhado.

O nome acima, possivelmente sinonimiza *tricolor* Gray (de um crânio incompleto), e *brandtii* Jent., 1879; este último dito posteriormente ser baseado numa fêmea montada, de Surinam (JENTINK, 9) col. M. Dieperink, 1835.

THOMAS (17), afirma coincidir a espécie de Jentink, (a figura do crânio e o animal) à prancha original de BRANDT (2, pr. 2). Devemos ressaltar porém que na prancha original de BRANDT, na qual teria se baseado JENTINK, não figura o crânio, mas apenas o animal, o qual pertenceu à coleção Langsdorff, logo oriundo de Mato Grosso.

SIRENIA: Fam. TRICHECHIDAE

Trichechus inunguis (Pelz., 1883). "Peixe-boi". — Icomaci (Pinheiro): 1 ♂ (MGPA).

Embora escasso, vez por outra aparece ao norte do Marajó, e na foz do Rio Pará (ou baía de Gurujá). Este exemplar foi tirado de um pescador e possui todos os detalhes apontados para *inunguis*, como: 14 pares de costelas e unhas ausentes nas nadadeiras peitorais.

PERISSODACTYLA: Fam. TAPIRIDAE

Tapirus terrestris (L., 1758). "Anta". — Belém-Brasília, Km 94.

Nenhum capturado, mas vimos (Expedição DZSP e Botânica) um adulto atravessando a picada a nossa frente uns 4 metros em diagonal às 9:35 de 9 de setembro. Também um jovem foi visto deitado numa tranqueira (árvores caídas e intrincada) em agosto, por um dos caçadores de pássaros.

ARTIODACTYLA: Fam. TAYASSUIDAE

Tayassu t. tajacu L., 1758. "Caitetú". — Belém-Brasília; Km 94: 1 ♂ (DZSP).

Consideramos no Brasil forma única, com variações individuais. As medidas correspondentes às populações do norte e sul do Baixo Amazonas são dadas a seguir: série molar, comprimento M^{2-3} e maior largura externa da série molar:

(N) 7 ♂ 64,1 38,0 44,3 8 ♀ 62,4 36,5 43,0 (P.A.M.T.)

(S) 5 ♂ 64,3 37,5 44,7 4 ♂ 64,2 37,2 44,3 (P.A.A.P)

Fam. CERVIDAE

Mazama a. americana (Erxl., 1777). "Veado mateiro". — Belém-Brasília, Km 92: 1 ♂, 4 ♀ (DZSP).

E um tanto curioso identificar o grupo mateiro pela cor avermelhada do pelame, visto os crânios de ambos ("mateiro" e "catingueiro"), em certos casos mostrarem detalhes e medidas coincidentes: série molar acima de 58 mm e M^{2-3} além de 33 mm. Há, porém, formas grandes do "catingueiro", e pequenas de "mateiro" difíceis de serem separadas, com base apenas no tamanho.

AGRADECIMENTO

Expressamos nossos agradecimentos ao pessoal da Fundação Serviço Especial de Saúde Pública de Belém, por ter generosamente colhido e enviado tal quantidade de material para identificação.

RESUMEN

Los autores presentan en forma de lista faunística, todos los mamíferos de las colecciones del Museo Goeldi de Belém, Museo Nacional de Río de Janeiro y del Departamento de Zoología de São Paulo, de los coleccionados en la carretera Belém-Brasília (Estación de captura de la BR-14, Km 94) y de otras localidades cerca de Belém, Pará.

SUMMARY

The authors present briefly, in the form of a local list, all the mammals collected by Goeldi Museum, Instituto Oswaldo Cruz and Departamento de Zoología and Instituto de Botânica, Secretaria da Agricultura, São Paulo on the Belém-Brasília highway (BR-14, station Km 94) and other localities in the vicinity of Belém, Pará.

BIBLIOGRAFIA

1. ALLEN, J. A.
1916. New mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition. *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, 35: 523-530.
2. BRANDT, J. F.
1835. *Mammalium exoticorum novorum vel minus vite cognitorum*. Musei Academici Zoologici Descriptiones et Icones, ex Academiae Imperialis Scientiarum Commentariorum. VI Seriei, tomo II et III. Petropoli & Lysiae, 1835. 106 pp., 17 pls.
3. CABRERA, A.
1957-60 (1958-61).
Catálogo de los Mamíferos de América del Sur. *Rev. Mus. Argent. Cienc. Nat. "Bernardino Rivadavia"*, Zool., 4: 1-732.
4. CARVALHO, C. T.
1960. Sobre alguns mamíferos do sudeste do Pará. *Arq. Zool. S. Paulo*, 11: 121-132.
5. CARVALHO, C. T.
1962. Lista preliminar dos mamíferos do Amapá. *Pap. Dep. Zool. Ser. Agric. S. Paulo*, 15: 283-297.
6. CARVALHO, C. T.
1965. Comentários sobre os mamíferos descritos e figurados por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1790. *Arq. Zool. S. Paulo*, 12: 7-71.
7. GOELDI, E. A., & G. HAGMANN
1904. Prodrômo de um Catálogo Crítico, commentado da coleção de mamíferos no Museu do Pará (1894-1903). *Bol. Mus. Goeldi*, 4: 48-112.

8. HERSHKOVITZ, P.
1958. Type localities and nomenclature of some American primates, with remarks on secondary homonyms. *Proc. Biol. Soc. Wash.*, 71: 53-56.
9. JENTONK, F. A.
1888. Catalogue Systématique des Mammifères (Rongeurs...). *Publ. Mus. Hist. Nat. Pays-Bas*, 12: 1-280.
10. MOORE, J. C.
1959. Relationships among living Squirrels of the Sciurinae. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 118: 155-206.
11. PENNANT, T.
1771. *Synopsis of Quadrupeds*. London, 2 vols. XXXV + 382 pp., 31 pls.
12. PIRES, F. DE AVILA
1958. (1959). Mamíferos colecionados nos arredores de Belém do Pará. *Bol. Mus. Goeldi. n.s., Zool.*, 19: 1-19.
13. PIRES, F. DE AVILA
1964. Mamíferos colecionados na região do Rio Negro (Amazonas, Brasil). *Bol. Mus. Goeldi, n.s., Zool.*, 42: 1-23.
14. SCHREBER, J.-C.-D.
1774 (1775-1792).
Die Säugethiere, in *Abbildungen nach der Natur mit Beschreibungen*. Erlangen, 1775-92 5 Abth., 1112 pp., 347 pls.
15. TATE, H. H.
1939. The Mammals of the Guiana Region. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 76: 151-229.
16. THOMAS, J.
1897. Notes on some South-American Muridae. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (ser. 6), 19: 494-501.
17. THOMAS, J.
1903. On the Mammals collected by Mr. A. Roberts at Chapada, Matto Grosso (Percy Sladen Expedition to Central Brazil). *Proc. Zool. Soc.*, 2: 232-244.
18. THOMAS, J.
1904. New *Callithrix*, *Midas*, *Felis*, *Rhipidomys* and *Proechimys* from Brasil and Ecuador. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (ser. 7). 14: 188-196.
19. THOMAS, J.
1909. New Species of *Oecomys* and *Marmosa* from Amazonia. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (ser. 8), 3: 378-380.
20. THOMAS, O.
1913. On some Amazonian Mammals from the Collection of the Pará Museum. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (ser. 8), 11: 130-135.
21. THOMAS, O.
1920. On Mammals from the Amazons in Goeldi Museum, Para. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (ser. 9), 6: 266-283.
22. THOMAS, O.
1926. On some Mammals from the Middle Amazon. *Ann. Mag. Nat., Hist.*, (ser. 9), 17: 635-639.